

A contribuição da semiologia para as reflexões de Stuart Hall no campo dos estudos culturais e a delimitação dos conceitos de identidade e representação¹

Diego Santos do Canto Friedrich²

Flavi Ferreira Lisboa Filho³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Neste ensaio teórico-reflexivo, investigo o legado da semiótica para os estudos culturais, com foco principal na obra de Stuart Hall. O problema de pesquisa aborda como as teorias semióticas serviram de base para o surgimento e desenvolvimento dos estudos culturais. Objetivo compreender como a semiótica, através de autores Saussure e Barthes, preparou o terreno para teóricos como Hall. A metodologia inclui uma análise conceitual de "identidade" e "representação" em Hall, articulando as teorias semióticas para explicar sua sustentação nos estudos culturais. A fundamentação teórica passa pela interseção das teorias semióticas e culturais. Como principais contribuições, o ensaio visa refletir sobre o papel do pesquisador em articular teorias e criar novos modelos de conhecimento, situando minha transição dos estudos semióticos para os culturais no campo científico da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica da Comunicação; Estudos Culturais; Stuart Hall; Saussure; Barthes.

RESUMO EXPANDIDO

Stuart Hall viveu entre 1932 e 2014, ele foi um sociólogo e teórico cultural jamaicano-britânico, considerado um dos fundadores dos estudos culturais. Ele foi uma figura central no desenvolvimento dessa disciplina, especialmente através de seu trabalho no *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) na Universidade de Birmingham.

Apesar de compor os estudos dos efeitos da mídia, ele posiciona os estudos culturais como uma epistemologia não positivista, passando seu conceito central o de “representação”. Como um não positivista, ele afasta a visão de reflexo para o tema, focando em um processo de construção social da realidade, muitas vezes se ligando a teoria crítica de Habermas.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Paraná. Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades da UFSM e do Grupo de Pesquisa ECCOS – Estudos de Comunicação e Consumo da UFPR. E-mail: diegosaintfriedrich@icloud.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades. Orientador da Pesquisa. E-mail: flavi@ufsm.br

Portanto, Hall é visto como um construtivista, ou seja, a sua ideia de “real” parte de uma “construção social”, passando pelos fatores da mídia e a sua circulação de imagens nas sociedades.

Os estudos de Hall (2003; 2016) se concentram na tradição de analisar os efeitos da mídia nas sociedades, constituindo a “política de imagem”, começando a pensar nos questionamentos e nas disputas que a imagem representa. Ou seja, essa retórica está ligada a questões desses efeitos criarem espaços de visibilidades – esses ligados à imagem – em que personalidades e instituições ascendem e descendem, nascem e morrem. É a partir disso que Hall formula sua crítica a representação de raça na mídia.

Hall (2003; 2016) traz a vertente criativa para o conceito de representação, se apoiando em alguns semiólogos como Saussure e Barthes, trazendo a esfera de pensamento do que as pessoas pensam sobre o mundo, a codificação psíquica de quem são esses sujeitos no mundo, mas principalmente, que mundo é esse. É necessário levar em conta sobre o que essas pessoas estão se referindo, passando o conceito para o cunho científico, como objeto de estudos de uma teoria crítica.

Pensando na lógica de produção midiática, o autor cunha o “interrogatório da imagem”, um questionamento dos valores cotidiano das imagens, para além dela. O autor parte do pressuposto que vivemos imersos no mundo das imagens.

A partir disso, eu reflito sobre o legado da semiótica para os estudos culturais. Stuart Hall, além de ser um dos principais teóricos para o campo dos estudos culturais, será o principal teórico de minha Tese. Além dele fazer uma ponte com os estudos semióticos, refletindo a representação a partir do sentido e linguagem, adentrando em Saussure para inferir a parte social da linguagem, fazendo uma ponte da linguagem para a cultura para cair no “Espectáculo do outro”. Ele também utiliza de Barthes para estabelecer relações com as imagens e cunhar seus conceitos de “Representação” e “Identidade”. Percebendo isso, trouxe o esforço de pensar o como o campo semiótico apoiou seus estudos, como também percebo essas aproximações entre minhas pesquisas.

Na contemporaneidade, diversos pensadores das ciências sociais compreendem a identidade em nossos dias como fluida e fragmentada. Um deles é o Stuart Hall (2006) que traz as reflexões da identidade do sujeito pós-moderno, que possui sua identidade fragmentada em virtude da globalização e do hibridismo cultural.

Pensar em identidade a partir de Hall (2006), é refletir sobre três concepções diferentes: o sujeito iluminista; o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Assim

observo as diferenças históricas, culturais e sociais mediante as quais as pessoas que viveram em determinado período dialogavam com a sua identidade e as principais diferenças entre elas.

A identidade do sujeito iluminista é baseada em um indivíduo centrado e unificado, ela é pautada a um núcleo interior ao qual surge no nascimento do sujeito, sendo desenvolvida ao longo de sua vida. Essa é uma perspectiva individualista e imutável, partindo das capacidades de razão, consciência e ação individualista.

A concepção de identidade do sujeito sociológico, em que esse núcleo interior é entendido como não autônomo e autossuficiente, mas formado a partir das relações entre as pessoas na sociedade. Sendo assim, essa identidade é pautada nas relações do sujeito com a interação de símbolos, valores e práticas, formando a cultura. Dentro disso, está a concepção do “eu real”, formada dentro do sujeito, mas ele é formado e modificado com a interação dos “mundos culturais exteriores” e outras identidades presentes nesses mundos.

Já a concepção de identidade do sujeito pós-moderno está em um indivíduo sem identidade fixa ou permanente, sem partir de uma essência, ou seja, essa identidade é transformada continuamente em uma relação de diversidade cultural. Nas palavras de Hall (2006):

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Entender esses dois conceitos do autor (representação e identidade) é complexo, eles irão perpassar durante os próximos anos de desenvolvimento da tese, mas ao analisar a episteme desses conceitos, ele leva até o campo da semiótica.

Ferdinand de Saussure, considerado um dos fundadores da linguística moderna, introduziu a ideia de que o signo linguístico é composto por dois elementos inseparáveis: o significante (a forma da palavra ou som) e o significado (o conceito ou

ideia). Saussure enfatiza que a relação entre significante e significado é arbitrária, ou seja, não há uma conexão natural entre a palavra e o que ela representa.

Roland Barthes expandiu a teoria de Saussure ao aplicar esses conceitos à cultura e à sociedade. Ele introduziu a ideia de que os signos não apenas comunicam significados literais, mas também carregam conotações culturais e ideológicas. Barthes denominou essas camadas adicionais de significados como "mitos", que são sistemas de significação de segunda ordem. Em sua obra "Mitologias", Barthes analisa como objetos e práticas culturais comuns são transformados em mitos que carregam significados ideológicos.

Stuart Hall aprofunda essas ideias ao abordar como os significados são produzidos e circulam dentro das culturas. Ele utiliza a estrutura de signo de Saussure para argumentar que a representação é o processo pelo qual significados são produzidos nas linguagens, e como essas representações influenciam e são influenciadas pela cultura. Hall adota a noção de Barthes de que os significados não são fixos, mas sim constantemente negociados e rearticulados dentro das práticas culturais.

Em "Cultura e Representação", Hall articula que a representação não é simplesmente sobre transmitir uma verdade objetiva, mas sim sobre como o significado é criado e mantido dentro de contextos culturais específicos. Ele demonstra que os significados são produtos de processos sociais e políticos, e que a linguagem desempenha um papel central na construção dessas significações.

Hall argumenta que a representação está profundamente enraizada nas relações de poder, refletindo e reforçando ideologias dominantes. Essa perspectiva é crucial para entender como a mídia e outras formas de comunicação moldam a percepção e a experiência social. Ao integrar as ideias de Saussure sobre a arbitrariedade dos signos e a análise de Barthes sobre a mitologia cultural, Hall oferece uma visão crítica de como os significados são produzidos e disputados na arena cultural.

Com o decorrer do texto, mostro, a partir das citações diretas do autor, como esse processo ocorre. Exemplifico aqui.

Ao utilizar a citação "A ligação entre o significante e o significado é arbitrária." (SAUSSURE, 2012, p. 67), Hall usa essa ideia para enfatizar que os significados não são fixos, mas são construídos dentro de sistemas de linguagem e podem variar de acordo com o contexto cultural e social.

Como também ao citar "O mito transforma a história em natureza." (BARTHES, 2001, p. 131), Hall aplica essa ideia para mostrar como os significados culturais podem ser naturalizados e apresentados como 'dados' ou 'normais', quando, na verdade, são construções ideológicas.

Esses são exemplos básicos do que é feito no artigo, pois Hall sustenta sua episteme totalmente nesses autores e suas contribuições para pensar a comunicação. Como definir a representação pelo processo ao qual os significados são produzidos e trocados entre os membros de uma cultura, envolvendo o uso da linguagem, dos signos e das imagens que representam coisas.

Ao utilizar de Saussure, ele argumenta que, como os significados dos signos são arbitrários e dependem do contexto, a representação é sempre um processo de construção e negociação de significados. E ao partir de Barthes ele mostra como os mitos culturais podem esconder as verdadeiras relações de poder e significado, apresentando-os como naturais e inevitáveis. A representação, então, não é apenas sobre mostrar ou refletir o mundo, mas sobre a produção ativa de significado.

São a partir de reflexões como essa que estabeleço a relação dos conceitos para trabalhar meu objeto na tese. Refletindo quais são as aproximações dos dois campos (Semiótica e Estudos Culturais) e como essas teorias semióticas foram utilizadas pelo autor para a formulação dessa episteme.

Esse trabalho está em desenvolvimento, o artigo completo compõe a avaliação da disciplina de "Teorias da Comunicação" do primeiro semestre do POSCOM/UFES, como é a base para o primeiro capítulo da Tese e pretende ser publicado nos anais desse evento.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978. P.1-47.

_____. **Elementos de semiologias**. 19. Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Brasília: Unesco, 2003.

_____. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio: Apicuri, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.